



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A REPRESENTAÇÃO DA FEMINILIDADE DA PERSONAGEM LUZIA-HOMEM NA
OBRA DE DOMINGOS OLÍMPIO**

ERILÂNDIA CRISTINA DA SILVA

**CATOLÉ DO ROCHA
2014**

ERILÂNDIA CRISTINA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DA FEMINILIDADE DA PERSONAGEM LUZIA-HOMEM NA
OBRA DE DOMINGOS OLÍMPIO**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a conclusão do curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora:
Profa. M. Sc: Doralice de F. Fernandes.

CATOLÉ DO ROCHA

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Eirilândia Cristina da.

A representação da feminilidade da personagem Luzia-Homem na obra de Domingos Olímpio [manuscrito] : / Eirilândia Cristina da Silva. - 2014.

22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Msc. Doralice de Freitas Fernandes., Departamento de Letras e Humanidades."

1. Relações sociais. 2. Preconceito. 3. Feminilidade. I.
Título.

21. ed. CDD 305.4

ERILÂNDIA CRISTINA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO DA FEMINILIDADE DA PERSONAGEM LUZIA-HOMEM NA
OBRA DE DOMINGOS OLÍMPIO**

BANCA EXAMINADORA

Doralice de Freitas Fernandes

Profa. M.Sc. Doralice de Freitas Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB/CAMPUS IV
Orientadora

Marta Lúcia Nunes

Profa. M.Sc. Marta Lúcia Nunes
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/CAMPUS IV
Examinadora

José Marcos Rosendo de Souza

Prof. Esp. José Marcos Rosendo de Souza
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB/CAMPUS IV
Examinador

Aprovada em 24 de Fevereiro de 2014.

CATOLÉ DO ROCHA

2014

Dedico essa conquista aos meus pais, Estevão e Joseilza, maiores incentivadores da educação em minha vida. Dedico também a minha avó Maria José (In Memória) por todo amor que me deu durante sua vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus** que sempre esteve abençoando minha vida e me permitiu concluir mais essa etapa mesmo com tantas dificuldades.

Agradeço à Doralice que bem mais do que uma professora orientadora foi uma amiga, dedicando seu tempo para a conclusão deste trabalho e me orientando da melhor forma possível.

À minha família pelo apoio incondicional, aos meus irmãos Esraela, Érisson e Myllena, à minha tia Joseane, ao meu marido, Vágner, meus sogros Valber e Zélia e aos meus pais Estevão e Joseilza por terem acreditado em mim.

Agradeço a todos os amigos que me confortaram na aflição da realização desse trabalho, em especial à Geortânia pela indicação da obra e pela companhia todos os dias, agradeço à Fagna, Gesiana e Desirée por estarem sempre comigo, apoiando-me, aconselhando e encorajando.

A todos os colegas de turma por todo esse tempo dividindo as tardes, os sentimentos que em determinados momentos eram de medo, outros de realização, e por todos os momentos que passamos juntos, meu muito obrigada.

Agradeço a todos os professores que foram verdadeiros mestres e fizeram reafirmar em mim a vontade de seguir tão sublime profissão.

“Sob os músculos poderosos de Luzia-
Homem estava a mulher tímida e frágil...”

Domingos Olímpio

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a protagonista da obra de Domingos Olímpio intitulada Luzia-Homem levando em consideração os aspectos que ressaltam a feminilidade da personagem apesar do estigma de mulher-macho que é refletido no apelido que ganhara: Luzia-Homem. A partir de seu modo de agir, e sua sensibilidade e sua aparência procuramos fundamentos para comprovar que Luzia era uma mulher com emoções, atitude e fisionomia, o único traço que lhe rendera esse codinome masculino era mesmo seus músculos, símbolo da força de uma mulher guerreira que não se entregou aos preconceitos e convenções sociais. Nossa pesquisa conta com as contribuições de autores como Falci (2007) e LaGuardia (2007) dentre outros autores que ajudaram no enriquecimento das características evidenciadas na obra.

Palavras-chave: Relações Sociais. Preconceito. Feminilidade.

Abstract

The present work aims to analyze the protagonist of Domingos Olímpio entitled Luzia-Homem taking into consideration the aspects that emphasize the femininity of character despite the stigma of female-male that is reflected in the nickname he'd won: Luzia-Homem. From its savoir-faire, its sensitivity and its appearance we seek grounds to prove that Lucy was a woman with emotions, attitudes, physiognomy and feminine instincts, the only trait that earned him this codename was male even your muscles, symbol of strength of a warrior woman who surrendered to the prejudices and social conventions. Our research relies on contributions from authors like Falci (2007) and LaGuardia (2007) among other authors who helped in the enrichment of the features highlighted on the site.

Keywords: social relationships. Prejudice.Femininity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
2. A CONDIÇÃO SOCIAL FEMININA NO CONTEXTO SOCIAL E HISTÓRICO DO SÉCULO XIX	09
2.1 - As mulheres no sertão Nordestino	12
3. A SEDUÇÃO E A FEMINILIDADE EM LUZIA-HOMEM	14
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

INTRODUÇÃO

Este artigo de caráter bibliográfico tem por objetivo analisar a obra de Domingos Olímpio intitulada Luzia-Homem, buscando evidenciar os aspectos da feminilidade presentes na protagonista que recebe o nome do título da obra. Partimos do pressuposto de que a mulher tem sua essência feminina, e que Luzia apesar de sofrer discriminação por executar trabalhos masculinos, no desenvolvimento do enredo deixa transparecer sua essência feminina.

O presente trabalho está dividido em partes que contemplam: o contexto histórico em que o enredo está inserido, a condição feminina da época, bem como a condição da mulher do sertão Nordestino, contemplamos ainda algumas considerações sobre o autor da obra, em seguida refletimos sobre a Feminilidade apresentada na obra, e por fim, faremos a análise do texto buscando evidenciar as características da personagem que deixam transparecer sua feminilidade.

Contamos com as contribuições de Autores como LaGuardia (2007) que fala da condição feminina, das instruções e deveres destinados à elas, Falci (2007) que discorre sobre as mulheres do sertão Nordestino do século XIX, assim como outros teóricos que foram citados no transcorrer do trabalho colaborando para a realização do mesmo.

Luzia-Homem retrata a força da mulher nordestina que foi submetida a serviços pesados para garantir sua sobrevivência, mesmo sendo considerada masculinizada pelos trabalhos exercidos na construção da Cadeia Pública, tal fato, não servia de obstáculo para transparecer a sensualidade e sensibilidade em seus gestos e atitudes.

2- A CONDIÇÃO SOCIAL FEMININA NO CONTEXTO SOCIAL E HISTÓRICO DO SÉCULO XIX

No final do século XIX houve muitas transformações no Brasil, alguns desses acontecimentos se tornaram marcantes na história do País. Podemos destacar, dentre eles, a Lei Áurea que decretava a abolição da escravatura, assinada pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888, assim como também foi primordial para o Brasil a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889.

Nessa mesma época, com o início do século XX, destacamos um poder privado com forte influência sobre os setores do poder público, comprometendo os interesses da população como um todo, envolvendo-se em questões de cunho político, cultural e econômico, a esse poder deu-se o nome de coronelismo, liderado sempre por um rico senhor, que tinha geralmente anteposto ao seu nome o “título” de coronel, controlava todos ao seu redor e com isto conseguia entrar em setores como a política e garantir o poder em suas mãos, certos da impunidade, eles tinham liberdade para desempenhar suas vontades menosprezando os menos favorecidos.

Dessa forma, presenciemos um sistema de reciprocidade entre coronéis e políticos em que as pessoas eram apenas usadas na hora do voto, pois eram obrigadas a fazerem o que os coronéis queriam por lhes dever algum tipo de favor ou trabalhavam para os mesmos.

Advindos de um regime em que as famílias estavam embasadas em um modelo patriarcal onde a figura masculina tinha total domínio sobre as demais, fortalecendo o conceito de superioridade do homem, que gozava de uma inteligência que era prioridade apenas do sexo masculino, às mulheres cabia apenas os cuidados com o lar e com a família, seriam capazes somente de realizar os serviços domésticos, pois pertenciam ao sexo tido como frágil.

Nesse contexto, o modelo patriarcal dava ao homem, principalmente aos pais, uma espécie de autoridade maior sobre os demais da família, fossem eles filhos, agregados, empregados e, sobretudo as mulheres que já eram consideradas seres inferiores em relação aos homens, tendo em vista que os direitos das mulheres na sociedade não eram os mesmos. LaGuardia (2007, p.44) diz que: “A mulher era projetada especialmente como mães dos novos homens e guardiãs da vida privada”.

Percebemos que a mulher não tinha participação ativa na sociedade, nas decisões importantes que deveriam ser tomadas no seio de sua família, não lhe caberia nada mais a não ser cumprir com seu papel de mãe, esposa e dona do lar, a vida exterior à sua casa não lhe dizia respeito.

Na conjuntura social do século XIX as mulheres eram educadas pelas suas famílias para serem esposas dedicadas, mães cuidadosas e excelentes donas de casa, que respeitassem seus maridos e tivesse total consciência da superioridade dos homens. Segundo LaGuardia (2007, p.47) “[...] a instrução feminina visava a sua

domesticação, cujo objetivo último era produzir mulheres cordiais e afáveis e combater tudo o que nelas pudesse representar excesso ou abuso”.

Observamos que as mulheres não poderiam se rebelar e mostrar seus talentos, caso os tivesse, não poderiam trabalhar fora, estudar, enfim, sua vida social não acontecia fora de casa ou sem a presença do marido, deveria ser sempre contida e nunca deixar transparecer seus desejos, seus sentimentos, era um ser passivo que atendia as ordens do pai e mais tarde as ordens do marido.

A vida das mulheres era marcada pela submissão, primeiro do pai, depois continuava com o casamento, devendo obediência agora ao marido, que, por muitas vezes, fazia dela apenas mais um de seus objetos que poderia usar como e quando quisesse.

O homem tinha seus direitos diferentes, tinha mais privilégios, ou seja, enquanto os homens tinham muito mais direitos, as mulheres tinham mais deveres, eles poderiam fazer tudo que as leis e a sociedade em geral os defenderiam, elas deviam apenas obedecer, submetendo-se aos desmandos dos homens e caso fizesse algo considerado errado para uma mulher, provavelmente, seria julgada e condenada pelo seu ato, por mais que esse ato fosse legal a alguém do sexo masculino.

A superioridade do homem ficava bem clara diante de todas as suas ações, desde as primeiras instruções às crianças já ficava evidente a diferença entre os gêneros, as meninas de família mais abastada que tinham oportunidade de adquirir alguma instrução, seja com aulas de línguas ou de qualquer outra área do conhecimento, tinham essas aulas em casa mesmo, pois ao contrário dos meninos não seria prudente ir a uma escola. As mulheres em geral, no século XIX ficaram conhecidas como aquelas menores que devem sempre respeitar e acima de tudo acatar aquele que tem poder sobre ela, seu pai ou marido.

Vale ressaltar que a distinção de classe é um fator preponderante no que se refere à questão de gênero, visto que a mulher de baixa escala social sofre mais preconceitos, pois necessitava trabalhar para contribuir na manutenção do lar. Havia as mulheres ricas que já nasciam em uma família de posses e eram preparadas para casar-se com homens que tivessem situação financeira semelhante ou superior a sua, também as mulheres pobres, as instruídas, as escravas, todas essas, mulheres que viveram e sentiram a discriminação de ser mulher no século XIX.

2.1- As mulheres no sertão Nordestino

A conjuntura social do nordeste brasileiro no século XIX era caracterizada pela esfera socioeconômica de um lado as mulheres vindas de famílias ricas, sempre bem vestidas, sempre com belas joias, quando casadas viviam apenas para fazer as vontades do marido, tinham empregados para cuidar da casa e de seus filhos, elas somente davam as ordens do que devia ser feito em casa e claro obedeciam às ordens do marido, por outro lado apresentavam-se as mulheres pobres que precisavam trabalhar para contribuir com a manutenção do lar.

As mulheres de famílias mais carentes por algumas vezes precisavam ajudar a manter as despesas domiciliares, como aponta Falci (2007, p.249)

Outras, menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores, bordados a crivo, davam aulas de piano e solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da numerosa prole. Entretanto, essas atividades, além de não serem muito valorizadas, não eram muito bem-vistas socialmente.

Essas mulheres que trabalhavam nessa época, muitas vezes por necessidade, sofriam discriminação, elas passavam a ser vistas até mesmo como mulheres imorais, pois esse não era o papel da mulher, ganhar dinheiro, mas sim, do homem. Em alguns casos as mulheres fabricavam material de artesanato, culinária para vender e repassavam para outras pessoas comercializarem por medo de sofrer represálias sociais.

Nesse sentido, a mulher não tinha um lugar muito confortável e conseguir estudar nesta época também era um privilégio dos homens, as poucas que resolviam instruir-se não eram vistas com bons olhos pela sociedade em geral, por isso, talvez o número de mulheres que não tiveram nenhuma instrução sobre as letras ou mesmo aprendeu apenas seu nome é tão grande. Falci (2007, p.251) diz que “a mulher de elite, mesmo com um certo grau de instrução, estava restrita à esfera do espaço privado, pois a ela não se destinava a esfera pública do mundo econômico, político, social e cultural. A mulher não era considerada cidadã política”.

Por mais que ela viesse de uma família abastada que pudesse lhe proporcionar bons estudos, isso não seria possível, pois era considerado errado para época, enquanto os rapazes tinham essa oportunidade de estudar, as moças

deveriam ficar em casa sendo instruídas a serem boas donas de casa e se tornarem esposas obedientes.

Na história do século XIX fica clara a submissão da mulher em relação ao homem, ela não tinha vida própria e estava sempre a mercê das vontades do pai ou do marido, vivia apenas em função deles, sua vida, suas vontades ficavam apenas no mais íntimo de seus pensamentos.

A mulher nordestina, em sua maioria, fugiu a essas regras ditadas por um tempo que usava da desigualdade entre os gêneros para privilegiar alguns, ela tinha que se adaptar ao meio em que vivia e para sobreviver não se acomodava, trazia consigo a marca da determinação e da perseverança como observa Falci (2007, p.250):

As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir seu sustento. Eram, pois, costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras- estas últimas, na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher.

O texto de Domingos Olímpio, foco dessa análise traz como personagem principal Luzia que representa uma mulher corajosa, capaz de enfrentar trabalhos que até mesmo os homens tinham dificuldade para desenvolver. Uma mulher que traz caracterizado no seu corpo os músculos como marca de coragem e resistência de alguém que luta pela sua sobrevivência e de sua mãe. Por ser uma heroína, a obra traz seu nome Luzia-Homem.

Um dos últimos romances naturalistas, Luzia-Homem é visto entre as melhores do Naturalismo e considerada a obra-prima do escritor Cearense, Domingos Olímpio, nascido em Sobral no dia 18 de setembro de 1850, formado em Direito em 1873 pela Faculdade de Recife, Domingos Olímpio também enveredou pelo jornalismo, trabalhando em alguns jornais do Rio de Janeiro como o “Correio do Povo” e dirigiu “Os Anais” onde teve a oportunidade de publicar sua obra.

Apesar de ter sido publicada já no século XX, no ano de 1903, no final do que poderia se chamar de período Naturalista, o enredo de Luzia-Homem se passa ainda no século XIX, em 1878, na cidade de Sobral, no Ceará, quando o estado, assim como toda região Nordeste passava por uma de suas maiores secas, conhecida historicamente, que durou de 1877 a 1879 e levou um enorme número de pessoas a emigrarem em busca de condições de sobrevivência.

Neste quadro de dor e sofrimento causado ao povo sertanejo o autor traz uma heroína digna das mulheres nordestinas, uma mulher de coragem que vai contra os preceitos da época e enfrenta até mesmo os serviços mais pesados pela sua sobrevivência, Luzia é um misto de determinação, beleza e doçura que resiste aos preconceitos sociais realizando seu trabalho com dignidade e demonstrando amor e carinho em seus gestos.

4- A SEDUÇÃO E A FEMINILIDADE EM LUZIA-HOMEM

A personagem Luzia-Homem da obra de Domingos Olímpio é uma mulher sedutora, sensível e feminina, apesar do estigma que pesa sobre ela em decorrência da sua coragem, para embasar nossa afirmação recorreremos ao Miniaurélio (2001) para evidenciar o sentido de feminilidade, Feminilidade é “Qualidade, caráter, modo de ser, de viver, de pensar, próprio da mulher.” Mas será que basta uma pessoa pensar ou agir de forma diferente para definir gêneros ou isso seria mais uma forma de preconceito em que cada indivíduo tem seus comportamentos já predeterminados, tidos como certos ou não para homens e mulheres? Sobre isso Freud (1996, p.134) esclarece:

Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes.

A feminilidade não é um conceito fechado, não tem uma receita pronta, depende de como cada um vai usá-la, depende das escolhas que são feitas e a feminilidade é só adaptada ao modo de ser do indivíduo.

O comportamento de cada ser define individualmente o caráter, não é um grupo, ou um gênero. Luzia é uma mulher forte e determinada que não desiste de buscar melhorias para quem ama, adaptada desde criança a vida difícil e aos sacrifícios que sempre precisou fazer para sobreviver ela acaba sendo discriminada pelas pessoas devido a força que tem. Mas apesar de todo sofrimento proporcionado por um trabalho duro ela tem a feminilidade aflorando em sua pele, emoldurando o corpo afirmando seus princípios e distinguindo-a das demais mulheres.

O codinome masculino não é fator marcante para que Luzia apresente sua feminilidade, visto que a protagonista desperta o interesse nos homens e o instinto de rivalidade e inveja entre as mulheres.

Maia (1999, p.52) fala a respeito das máscaras que as mulheres usam e diz: “[...] Lacan aponta que, no que tange à feminilidade, a melhor saída está no lado do ser... Para isso, lança mão de máscaras. Máscaras da feminilidade.” Então, assim sendo, a mulher pode escolher qual máscara vai usar e essa máscara representá-la e representar sua feminilidade, seja ela de que jeito for, pois a feminilidade é essência da mulher.

Dessa forma, o contexto social interfere, efetivamente, na condição feminina, fazendo com que a mulher se adapte ao contexto ao qual está inserida. A protagonista, ao perceber-se no mundo, sozinha com sua mãe que apresentava saúde debilitada, não se acomoda diante da situação miserável que lhe é apresentada e de forma impressionante cumpre com as responsabilidades que lhes são cabíveis nos cuidados com a mãe, Tia Zefinha.

Luzia precisava da força para sobreviver à situação que a seca proporcionava para todos, ela não tinha um homem em quem pudesse se apoiar ou fazer o serviço pesado por ela e ainda por cima sua mãe dependia dela em todos os sentidos. Essa força que ela possuía era tanto física quanto mental, pois precisava suportar as agressões verbais desferidas contra ela, mas tudo isso não fazia de Luzia uma “mulher-homem”, muito pelo contrário, fazia dela cada vez mais uma mulher admirável, como descreve Olímpio (2005, p.20): “Passou por mim uma mulher extraordinária, carregando uma parede na cabeça”. Paul falava de Luzia ao vê-la quando visitava as obras da cadeia, ela passava carregando cinquenta tijolos na cabeça.

Nem mesmo o trabalho esforçado fez com que o Francês Paul, que estava de viagem pelo mundo visitando lugares e observando o cotidiano das pessoas, anotando o que mais lhe chamava atenção na cultura de cada lugar, deixasse passar despercebida a beleza daquela mulher admirável. Como podemos perceber quando Olímpio (2005, p.20-21) descreve:

Em plena florescência de mocidade e saúde, a extraordinária mulher, que tanto impressionara o francês Paul, encobria os músculos de aço sob as formas esbeltas e graciosas das morenas moças do sertão. Trazia a cabeça sempre velada por um manto de algodãozinho, cujas

ourelas prendia aos alvos dentes, como se, por um requinte de casquilhice, cuidasse com meticuloso interesse de preservar o rosto dos raios do sol e da poeira corrosiva[...].

Observamos em Luzia gestos meigos, de uma mulher guerreira que apesar de trazer consigo um apelido tão discriminador tinha os mesmos cuidados com a aparência que qualquer outra mulher, como o ato de proteger o rosto do sol e da poeira, pois Luzia era uma mulher exuberante que chamava atenção de todos por sua força e beleza até mesmo trabalhando em serviços tão pesados. Olímpio (2005, p.22) “- Deixem estar que há de ser como as outras. Em boniteza, verdade, verdade, mete vocês todas num chinelo. Aquilo é mulher para dar e apanhar...”, falou Crapiúna às mulheres que falavam mal de Luzia, ele, um soldado que tinha fama e quando se engraçava de uma mulher sempre conseguia conquistá-la e abandoná-la, mas Luzia, apesar do que ele achava, não era como as outras.

Moça tímida, de valores inabaláveis, de caráter incontestável, nunca se deixou levar pelas conversas do soldado galanteador e isso feria o ego do conquistador que estava acostumado a seduzir todas as mulheres. Olímpio (2005, p.22-23):

[...] não se conformava com os modos retraídos e a impassível frieza da mulher-homem, resistência passiva e calma, ante a qual se amesquinhava a sua fama e sentia arranhado o amor-próprio de vitorioso em fáceis conquistas. Sempre que a encontrava, dirigia-lhe com saudações reverentes, palavras de ternura e erotismo incontinentes, olhares e gestos de desejos mal sofreados.

Evidenciamos que o desprezo da moça pelo soldado aumentava a ira deste por não conseguir o que queria, ou seja, seduzir Luzia. Entretanto, ele não desistiu e continuou com as investidas que sempre a incomodou, já que ela não estava interessada no soldado e sua insistência já estava lhe deixando receosa com relação às suas atitudes futuras.

Luzia tinha por trás daquela fachada de mulher masculinizada, sentimentos que ficavam reprimidos aproveitando-se do apelido que ganhara para defender-se das armadilhas da vida. Olímpio (2005, p.29): “Sob os músculos poderosos de Luzia-Homem estava a mulher tímida e frágil, afogada no sofrimento que não transbordava em pranto, e só irradiava, em chispas fulvas, nos grandes olhos de luminosa treva.” Os músculos e a força presentes nela não eram suficientes para encobrir sua sensibilidade e beleza.

Tanta beleza, seu jeito tímido e encantador, como uma mulher que respeita aos outros e a si mesma, Luzia desperta em dois homens sentimentos, que é representado por eles de forma diferente.

O amor do soldado Crapiúna é um amor doentio, obsessivo que deseja aquela mulher como troféu e não se conforma em ser rejeitado, já Alexandre, homem trabalhador, honesto e respeitador que age de forma adorável para com tia Zefinha e apesar de alimentar forte sentimento por Luzia a respeita em todas as circunstâncias, mas não suporta as investidas do soldado que vive a incomodá-la. Olímpio (2005, p.35): “Seu coração estremeia, vacilante, à idéia de um conflito entre os dois homens, e o júbilo de sentir-se amparada por dedicação superior a todos os sacrifícios.” Ao mesmo tempo em que a moça temia pela confusão que poderia ocorrer entre os dois, também estava presente em si a felicidade pela proteção que agora tinha com Alexandre.

Observamos que Alexandre devotava cuidado, amor, carinho e atenção para Tia Zefinha fazendo com que Luzia o admirasse cada vez mais. Como podemos perceber no trecho de Olímpio (2005, p.38) em que Luzia fica encantada com os presentes:

Seus olhos negros brilharam em fugaz eflúvio de prazer fitando-se no fruto e nas rubras flores sensuais, preciosas jóias da natureza avara naquela quadra de desolação. Ela as tomou a duas mãos, meigamente; hauriu com voluptuoso anseio o perfume dos cravos; e, mal articulando as palavras, dirigiu-se à mãe:
- Aqui tem, mãezinha, um presente de Alexandre. Tome a laranja; eu fico com os cravos. Que bonitos[...]

Luzia sentia uma enorme alegria com os gestos carinhosos de Alexandre, mas sua timidez continha qualquer reação que os aproximasse do contato físico, nem sequer um olhar.

A bela moça traz em seu corpo, além de toda a beleza admirada por todos, os músculos adquiridos à custa de todo esforço que teve que fazer durante toda sua vida para sobreviver às dificuldades, mas não é só sua aparência que faz dela uma mulher muito feminina, além de suas formas esculturais a morena tem sentimentos que denunciam toda sua feminilidade, que podem ser percebidos na forma como ela cuida da sua mãe e das pessoas que gosta.

Identificamos o amor sublime pela mãe no trecho que segue quando Luzia mostra-se preocupada com a saúde desta: Olímpio (2005, p.43) “- Mãezinha tem

tido isto tantas vezes – ponderava Luzia, afetando serenidade.” Ela mostrava-se sempre muito doce e atenciosa nos cuidados com sua mãe.

A protagonista que era mais conhecida como Luzia-Homem no transcorrer da obra demonstra cada vez mais em seus gestos, sentimentos, que é uma mulher como muitas outras gostariam de ser, que tem reunido em um só ser todas as qualidades que a bela sertaneja reúne: beleza, força e doçura. Olímpio (2005, p.60) nos mostra isso no trecho a seguir:

Apagavam-se no céu pálido os astros e a estrela-d’alva desmaiava, lívida, quando Luzia deixou a rede. Espreguiçando, estremunhada ao fresco terral da manhã, que lhe agitava o traje com suave carícia, desfez os cabelos impregnados de forte fragrância de mulher amorosa, como se a própria essência da força e da saúde evolasse deles em capitoso filtro sensual; e, tomando de um largo pente de chifre, começou a desembaraçar as densas madeixas, que se afogavam e intumesciam crespas e lustrosas.

Nesse sentido, floresce a alma feminina, agindo de forma dócil com seus entes queridos, em seus sentimentos apesar de querer sempre mantê-los ocultos, na sua beleza estonteante, uma mulher que as circunstâncias obrigaram a ser forte e enfrentar os obstáculos da vida com as armas que lhe são dispostas, seus braços, sua coragem. Essa força presente em Luzia é reflexo de muito trabalho, pois desde criança ela já ajudava seu pai, no trecho a seguir ela conta sobre a origem de seu apelido ao promotor que não entendia o porquê de um apelido tão impróprio para a bela moça. Olímpio (2005, p.51):

- Eu lhe digo, seu doutor. Desde menina fui acostumada a andar vestida de homem para poder ajudar meu pai no serviço. Pastorava o gado; cavava bebedouros e cacimbas; vaquejava o cavalo com o defunto; fazia todo o serviço da fazenda, até o de foice e machado na derrubada dos roçados. Só deixei de usar camisa e ceroula e andar encourada, quando já era moça demais, ali por obra dos dezoito anos. Muita gente me tomava por homem de verdade.

A necessidade obrigara Luzia a ser algo que em seu íntimo não fazia parte de si, mas para ser essa guerreira destemida que era, precisava de um disfarce, fingir ser Luzia-Homem e mesmo assim não conseguia disfarçar toda a beleza e delicadeza da linda retirante.

O que Luzia usava era apenas uma máscara para disfarçar a mulher delicada que realmente era, apesar do peso de ser chamada de Luzia-Homem, ela via nessa ofensa uma forma de proteção, até de si mesma e de seus sentimentos quando se refere a Alexandre. Olímpio (2005, p.97):

Eu não poderia exigir que ele me pagasse alguns serviços de amizade, ligando-se a mim, ele é um moço branco, eu uma pobre mulher de cor, sem eira nem beira, com a mãe doente às costas, neste tempo de seca e carestia de tudo. Além disso, ninguém gostaria de casar com uma criatura que tem o apelido de Luzia-Homem, como esse que o meu fado ruim me deu.

Observamos que a bela mulher tentava a toda hora fugir dos sentimentos que nutria por Alexandre, por acreditar que sua sina era outra e que estava condenada a viver só, trabalhando e cuidando da mãe e que ninguém nunca iria se dispôr a casar com ela por ser estigmatizada com o apelido de mulher-homem, mesmo já tendo sido pedida em casamento por Alexandre, mesmo sendo sempre tão elogiada por sua beleza, Olímpio (2005, p.97) “- De homem só tem a força; é bem bonita rapariga...”, ela preferia acreditar numa masculinidade que deveras não existia.

A feminilidade de Luzia nunca se perdera no trabalho pesado que ela realizava, apenas emprestava a um personagem de sua vida uma força que era característica dela por tudo que passou e precisava passar para sobreviver. Luzia, como o nome propõe trazia luz para quem estava ao seu redor, com sua dedicação e carinho com a mãe, com a cumplicidade e amizade verdadeira com Terezinha, com a bondade e com o amor que sentia por Alexandre, sua feminilidade é percebida nos gestos e na beleza escultural da morena. Olímpio (2005, p.31):

[...] Luzia de pé, em plena nudez, entornava sobre a cabeça cuias d'água que lhe escorria pelo corpo reluzente, um primor de linhas vigorosas, como pintava a superstição do povo o das mães-d'água lendárias, estremecendo em arrepios à líquida carícia, e abrigada no manto da espessa cabeleira anelada que lhe tocava os finos tornozelos. Ao perceber desenharem-se no lusco-fusco da neblina matinal, já perto, o vulto da moça a contemplá-la, soltou um grito de espanto e agachou-se, cruzando os braços sobre os seios.

Seus traços eram verdadeiras pinturas de tão perfeitos, seus lindos cabelos exaltavam ainda mais o seu belo rosto. Num gesto feminino de assustar-se ao sentir

que está sendo espiada, Luzia grita e tenta se esconder, esconder a mulher linda e sensível que é para manter a fama que carrega como estigma.

Quem nunca havia visto Luzia, só ouvia falar da Luzia-Homem não acreditava quando via a bela mulher pessoalmente. “- Esta é a Luzia-Homem? – perguntou a ingênua Maria da Graça. – Pois é bonita moça. Não tem nada de homem...” (OLIMPÍO, 2005, P.192). O apelido da moça causava espanto em quem não conhecia sua história, pois sua aparência é das mais belas das mulheres.

Luzia não demonstrava ter as limitações que a época propunha para o seu gênero e por isso foi marginalizada como uma mulher masculinizada foi vítima do preconceito da sociedade que cobrava uma postura mais contida em relação ao trabalho, mas a guerreira sabia que para se sobressair nas condições vividas no sertão em plena seca precisava enfrentar tudo o que viesse pela frente sem deixar de ser feminina.

A heroína que teve um fim trágico pretendia viver em paz cuidando de sua mãe e desejava construir sua família com Alexandre, mas Crapiúna, homem que tanto dizia amá-la tirou-lhe a vida quando ela tentava defender a amiga Terezinha da ira do soldado que havia sido preso por causa da denúncia feita pela amiga. Nem mesmo com a dor pelos golpes de faca em seu peito fez com que Luzia perdesse a doçura ao despedir-se de sua mãe. “- Mãezinha!... – balbuciou Luzia, abrindo os braços e caindo, de costas, sobre as lajes.” (OLÍMPIO, 2005, P. 200).

Luzia, uma verdadeira heroína, foi guerreira, nunca desanimou. Sempre trabalhou com muito esforço para sobreviver às condições miseráveis do sertão nordestino, castigado pela seca, convicta de seus interesses pela sobrevivência foi à luta sem deixar-se abater pelos comentários maldosos, bela por natureza chamava atenção por onde passava, doce com pessoas queridas e cautelosa com aquelas maliciosas, essa era Luzia, uma mulher que só desejava ter uma vida digna ao lado de quem amava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Domingos Olímpio, “Luzia-Homem”, nos permitiu realizar uma leitura do preconceito sofrido pela mulher em relação ao homem no século XIX e entender melhor esse estigma de “mulher-macho” que pesa sobre a mulher nordestina. Evidenciando que, apesar da discriminação, a personagem Luzia deixa transparecer e aflorar sua feminilidade no desenvolvimento do enredo, mostrando que a mulher, mesmo sendo marginalizada e forçada a exercer trabalhos masculinos é em sua essência, feminina.

Luzia representa muito bem as mulheres que precisavam lutar todos os dias pela sobrevivência e a obra traz uma mulher com a força típica da sertaneja e com uma beleza tão marcante a ponto de chamar atenção de todos, colocando assim na mesma mulher valentia e sensibilidade.

A mulher do século XIX deveria representar um ser frágil e incapaz de realizar tarefas que transpassassem os limites do seu lar, entretanto, a obra aborda a realidade da grande maioria das mulheres nordestinas que eram obrigadas a trabalhar para ajudar na manutenção do lar. A heroína personificada em Luzia prova não só com a beleza, mas também com ações que a mulher tem capacidade de fazer tudo que um homem faz sem deixar de ser, sentir e agir como uma mulher. Luzia-Homem representa uma mulher que lutou contra o preconceito caracterizando-se como homem, mas vivendo, amando e sendo essencialmente mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão Nordeste. In: **História das mulheres no Brasil**. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREUD, Sigmund. Feminilidade. In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LAGUARDIA, Adelaine. A mulher e o sonho da nação: políticas de gênero em O mentor das Brasileiras. In: **Nação e identidade: Ensaio em literatura e crítica cultural**. São João del-Rei: UFSJ, 2007

MAIA, A.M.W. **As máscaras d'A Mulher: a feminilidade em Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. São Paulo: Martin Claret, 2005.